

1.º Anno —1909—Director, *Larcher Marçal*Proprietario-Administrador—*Antonio Cardoso*

Red. e adm.—R. D. ANTONIO BARROSO, 22

Assinaturas—Barcellos 2 n.º 100 rs.—Fóra de Barcellos, 12 n.º 700 rs.—Composto e impresso—*Typ. Minerva—Famalicão*

O CAVADO e. M. B. Biblioteca

TODOS conheceis o Cavado, esse lençol d'agua pura e christalina, que banha Barcellos e desliza suavemente, por entre margens cujos aspectos, vão da mais alegre e encantadora paisagem, ao mais imponente e medonho alcançado de penedia.

Sabeistambem, que essa agua representa, por um lado, uma grande somma de energia latente, que se encontra, senão despresada, pelo menos muito mal aproveitada.

A agua, bem aproveitada, é um dos motores mais economicos; e, como tal, pode applicar-se a quasi todas as industrias, porque nós temos dispositivos para transformar o movimento rotativo em qualquer dos movimentos:— continuos, alternativos, etc.

O Cavado, conjunctamente com o systema orographic e florestal, é um modificador das influencias climatericas que dão, a Barcellos, um clima accentuadamente temperado.

Podia representar para as propriedades marginaes, o papel duma fonte inesgotavel, d'onde por meio de bombas ou turbinas, se retiraria a agua necessaria ás regas.

Procedendo-se ao povoamento das suas aguas, por diversas variedades de peixes, poderiamos ter ali outra grande fonte de receita.

Por tudo o que acabamos de expôr, veis que estas aguas que vós tanto apreciades de verão, quando tomaes o vosso banho ou quando passaes uma tarde amena barqueando á sombra dos salgueiros, têm tantas outras utilidades que bem podeis aproveitar.

Exemplos temos de povos que prestaram um verdadeiro culto aos rios; assim, os egypcios, adorando o Nilo, pelos grandes beneficios que d'elle recebiam. As grandes chuvas equatorias, produzindo cheias enormes durante mezes consecutivos, arrasam na sua passagem grande numero de

algas, lichens e diversas plantas; formando pelos terrenos marginaes do grande valle do Nilo, um deposito que vae alli alimentar uma vegetação exuberante.

As aguas deste grande rio, foram por elles aproveitadas desde tempos immemoraes, pela construcção dos seus famosos diques; grandes reservatorios que se enchem na epocha das cheias, e se destinam á rega na occasião da secca.

Podemos ainda citar os indús, adorando o Ganges com uma tal persistencia, que os leva ao fanatismo.

A maior gloria e a sua suprema aspiração, é para alguns o poderem têr a sua sepultura, no leito das suas aguas.

PICCOLEZZÈ

Modestas notas sobre linguagem

II

DÉLIVRANCE

UMA das palavras, franca e genuinamente franceza, que mais á baila de bailha está sendo diariamente trasida á imprensa periodica, é *délivrance*, no sentido e significação de parto. . . .

Não se atinge bem qual o motivo d'este proceder, que não seja o de em tudo macaquear o que de França vem, havendo-se isso como do melhor bom tom e não sendo, pela maior parte das vezes, mais do que parvo testemunho de funda ignorancia e insolito petisquismo.

E se certo é que applicavel, quasi no geral, e quando menos na maior parte dos casos, a observação que acabo de fazer, ao chamamento e introdução na nossa lingua, e porfiamento em ahi os manter e nacionalisar, de termos da lingua franceza, de todo o ponto escusaveis n'ella, por os termos em maior ou menor numero, tradusindo a mes-

ma ideia, isso muito mais de perto se dá e succede com o nimado *délivrance*, que em cousa alguma prima sobre as palavras «parto», «bom successo», que inteiramente traduzem aquella, e ainda com a circumlocução «dar á luz, mas e ainda se o apego ao feitiça francez e tamanho que possivel o despeito, por que não empregam palavra genuinamente portuguesa, proxima parente de *délivrance* d'ella derivada, consagrada por nossos escriptores de boa nota, e registada por Moraes na 1.^a e 2.^a edição do seu *Diccionario*, as unicas a que dá fé o sr. dr. Candido de Figueiredo, «delivramento» que a mesma significação tem que aquella?

Ainda se poderá acrescentar a esses quatro modos de dizer portuguez a significar a vinda á luz de uma creança o «dequitar-se», tambem no mesmo sentido registado em Moraes.

RODRIGO VELLOSO.



A Senhora do Terço

ANTIGAMENTE, todos os domingos á noite, era costume sahir a procissão da Senhora do Terço pelas ruas de Barcellos, por onde se tirava um peditorio.

Um leigo dos mais entusiastas pela pandanga, era o Bazilio, pacato official de barbeiro, — e de clerigos, o mais protector era o Padre Caniçada que Deus haja.

Morava eu na rua de S. Francisco; quando a procissão se approximava, vinha ao portal observar a scena, e o Bazilio, estacando a cruz, sem resar uns bons trez Padre-Nossos... não sahia d'ali nem por seis centos macacos.

As tardes de domingo e o verdasco de Barcellos, que é de rachar, punha a artista-da na fina para pôr a procissão da Senhora do Terço na rua.

Adeante ia uma campainha dando o respectivo signal; depois ia a cruz ladeada de lanternas; seguia-se a bandeira da confraria com o bom do sacerdote, a mais das vezes em chinellos de liga por causa dos callos; indo atraz dois individuos de cеста no ar implorando das seraphicas carinhas que assomavam as janellas:

—«Esmola p'ra Nossa Senhora do Têr... ço...»

E todos, n'um berreiro medonho, iam esganiçando:

—«Padre Nosso qu'estaes no cé... u... , santificado seja o vosso nô... me..., venha a nós o vosso reino e seja feita a vossa vontade assim na terra como no cé... u!...»

Metten-se-lhe na cabeça do Bazilio, que não era primo mas sim barbeiro, que a minha estada, ao portal, era demonstração de

troça e não manifestação de fé. D'ahi, uma enfiada de chalaças e piques que longe de me indignarem me provocavam o riso.

O caso estava tomando taes proporções de escandalo que, um dia, os redactores do *Tirocinio* resolveram intervir na contenda e acabar de vez com o dispausterio dos devotos recalcitrantes.

Foi no dia 19 d'agosto de 1883, que se deu publicidade a uma local, tanto do agrado da gente sensata de Barcellos, que teve de sahir mais seis vezes a seguir.

O Padre Caniçada ainda não dava grande cavaco com a publicação da noticia; mas ao mestre Bazilio encaixou-se-lhe no toutiço que tinha sido eu o auctor do escripto e... zás! quando me passava á porta com a procissão, mandava a tropa voltar-se p'ra mim e desatavam todos n'um berreiro:

—Padre Nosso qu'estaes no cé... u... , santificado seja o vosso nô... me, venha a nós o vosso reino e seja feita a vossa vontade assim na terra como no cé... u...!»

Dizia eu, n'um tom arrelhiado, muito baixinho:

—«O pão nosso de cada dia nos dá hoje, Senhor! mas manda essa gente para o diabo que a carregue-amen!»

A noticia fez grande sensação; as auctoridades ecclesiastica e administrativa houveram por bem acabar com aquella parlenda dominical, e o Bazilio cuidou do seu officio e mais de amolar thesouras e navallhas.

D'uma vez indo eu para os lados da Granja com o mestre carpinteiro Barreto notou este que o Bazilio, vindo do cemiterio, me deitou uns olhos capaz de me comer...

—«Parece que aquelle barbeiro tem amargores de bocca...»

—«E' por causa da procissão da Senhora do Terço...»

—Ah! não se incommode, diga-lhe sempre a cantar; *não te fa... ço mal nenhum!* e verá como elle deixa de lhe arregalar aquelles olhos bogalhudos...»

Pois sim!... Começou logo a má lingua, e já em vespéras do meu casamento foram dizer á noiva *que eu não passava mas era d'um grando maçonico!*...

Vae para lá de carrinho... Não se fiou a Estrella em cantigas e os da lembrança ficaram com o nariz do tamanho d'uma pistola!

* * *

Só voltei a ver o Bazilio ha cerca de 4 annos. Chegando a Barcellos, entrei na primeira loja de barbeiro que encontrei; foi perto da Pedra do Couto. Por mal dos meus peccados era a loja do Bazilio. Ensa-boou-me os queixos, assentou a navalha e começou attentiosamente com gesto largo e polido.

—«Cada vez mais gordo; nunca se faz velho; — dá-se bem com os ares do mar, não é verdade?»

—E' verdade... fazem-me bem os ares do mar...»

—«Barcellos tambem está muito adeantado, não acha?»

—«Realmente, Barcellos está muito adeantado em progresso...»

E eu a lembrar-me que todo o seu empenho era ter-me escangalhado a rabeça por occasião do casorio! Que grande canario! Quando me vi perto da capella do Senhor dos Afflictos com a cara rapada, ia dizendo com os meus botões, como me ensinou o Barreto:

—«*Não te fa... ço mal nenhum!*»

* * *

A procissão da Senhora do Terço, acabou; mas a confraria teve mais devotos e mais rendimentos. Já estão na torre os dois sininhos novos a dizer-nos que no Convento das Freiras ha sóns festivos como as flores de maio, alegrias como os accordes que resoam nos templos, sorrisos como só brilham n'aquelle bendito olhar da Virgem, sempre piedosa e doce que já supportou o Bazilio e mai-los amigos carregados com a caróça a implorar, ás guinadas, pela rua fóra:

—«Esmola p'rá Nossa Senhora do Ter... ço...!»

Povoa de Varzim.

CANDIDO LANDOLT.

FESTAS DAS CRUZES

A PARADA AGRICOLA

TEM sido bem acolhida pelo publico a ideia desta festa de trabalho rural fazendo parte do programma das festas tradiccionaes da nossa terra.

Nem outra coisa era de esperar do bom povo d'este concelho, essencialmente dedicado ao trabalho da lavoura, e sempre prompto a auxiliar todos os empreendimentos de interesse geral.

Ainda bem.

A parada agricola tal como a planeou a commissão dos festejos tem um fim levantado e patriotico e uma funcção educativa que lhe devem e muito justamente merecer o applauso e a coadjuvação de todos os que pensam que na agricultura está ainda a melhor esperanza de futuro do nosso paiz que tem na riqueza do seu sólo a mais solida garantia da sua prosperidade.

E tudo quanto se faça para demonstrar isto mesmo e para explicar ao povo das al-

deias a elevada missão que está destinada ao seu trabalho, na obra sagrada do levantamento da patria é digno e patriotico.

Como muito bem diz no seu ultimo numero o nosso collega da «Folha da Manhã», a parada agricola é uma proveitosa e util lição de coisas.

Fazer que ella seja brilhante e possa impressionar fortemente todos os que a ella assistirem é um dever de patriotismo que todos os barcelenses comprehendem e a que todos por certo quererão prestar o seu concurso.

A occasião não póde ser melhor escolhida.

A festa das Cruzes, cuja tradição secular Barcellos tem sempre sabido manter e honrar, é a primeira das grandes romarias annuaes do nosso Minho; aqui se reúnem os povos de toda a provincia, aqui concorrem forasteiros de todos os pontos do paiz.

Daqui vae pois partir um nobre e levantado exemplo.

E' preciso que elle seja digno da nossa terra, é preciso mostrar que ella sente e comprehende os grandes problemas da economia nacional, que ella acompanha, na sua melhor e mais pratica orientação a evolução das ideias modernas, e que está prompta a batalhar com as armas pacificas e honradas da batalha a incruenta mas gloriosa da civilisação e do progresso.

A Commissão das festas pode contar com o nosso apoio incondicional, com a nossa inteira adhesão á sua sympathica ideia.

SPORT

Incitando

AGORA, que estamos na ridente e encantadora primavera, quadra tão propria para todos os jogos sportivos, parece-nos que não será de todo desacertado lembrar á digna direcção do *Sport Club Barcelense* a ornição de algumas diversões para divertimento dos seus associados, como o projectado *torneo* que já ia despertando bastante enthusiasmo.

Bom seria, tambem, que a patriotica e magnifica ideia do sr. Conde de Villas Boas, da creação d'um corte de *tennis*, não ficasse só em projecto, pois que além de ser um dos mais interessantes jogos de *sport*, é tambem um magnifico exercicio physico. E nós, os portuguezes, que temos a monomania de imitar tudo o que é inglez, pois usamos botas á ingleza, calças á ingleza, chapéus á ingleza e outras cousas á ingleza, justo seria que imitemos tambem nos seus exercicios physicos, de que tanto carecemos para o nosso desenvolvimento muscular, como equitação, gymnastica, natação, foot-ball-tennis, etc.

Ahi fica a lembrança e a nossa *Revista* á disposição de todos aquelles que se interessam pelos jogos de *sport*.

CHRONICA LIGEIRA

EM vez de notas alegres e simples, que dão á penna ligeireza vibrante e graça, são filhas da sua arte, pelo menos provinda da propria natureza do incidente jubiloso, tenho hoje para registro o triste successo funestissimo d'um meoricidio involuntario, que pôz enormes commoções de dôr no nosso meio, onde echoou como grito proprio do fatal desastre que assignalava.

Marido e mulher trocando, talvez, em seu thalamo as consolações mais intimas, effectuando as affirmações mais ardentes do grande amor que os unia, foram sobresaltados, alta noite e levados á convicção de que alguém tentava forçar-lhes as portas.

Ladrões, entenderam:

Do ambiente inefavel do ninho caricioso e quente arreatou-se o marido em cata da caçadeira. Os estalidos inquietadores continuavam, naturalmente avolumados por uma bem comprehensivel allucinação e, oh! fatalidade tremenda! um vulto surge junto da porta d'onde saíra o alarme. Ouviu-se a detonação estrondosa da carga avantajada e o baquear sinistro d'um corpo! . . .

Quando a luz deixou ver toda a extensão da horriavel tragedia, verificou-se que aquella mesma esposa, carinhosa e meiga, que ainda ha pouco, talvez, enternecia d'amor o apaixonado marido, fôra a victima indefesa do medo levado ao excesso.

Erguera-se tambem do leito sem ter sido presentida e correrá cheia d'animo para o local, onde as mysteriosas forças d'um destino cruel e barbaro, a levaram para morrer ás mãos d'aquelle, para quem era tudo!

Oh! fatalidade inconcebivel! quanta ferocidade existe em teus secretos designios e quão longe e a que sinistros remates levas os teus pungentes sarcasmos!

M.



Uma carta

D'«um assignante dedicado», pessoa illustrada e conhecedora dos propositos que nos animou a publicar o *Barcellos-Revista*, recebemos uma carta, que muito mais nos honraria se viesse firmada. Não a publicamos, por este facto. E, a proposito d'isto, temos a dizer que nos será sempre gostoso publicar escriptos que, embora não assignados, nós saibamos a quem pertencem.

Se o nosso illustre assignante nos quizer dizer o seu nome, na certeza de que d'elle guardaremos o maior sigilo, teremos occasião de publicar, no proximo numero d'esta *Revista*, a sua carta.

Hontem... amanhã

HA n'um dos grandes monumentos litterarios de Victor Hugo, duas personagens, que pelo seu temperamento, pela sua educação e pelo seu alcance, simbolisam duas civilizações, dois periodos historicos hermeticamente oppostos.

Lantenac, o tio, fidalgo intransigente, despotico, com crenças atavicas para a paralyisia social, olhando o povo como escravo, sempre submisso á vontade alheia.

Gauvin, o sobrinho, cidadão livre, humano, cheio de fé n'um futuro melhor, olhando o povo como o conjuncto de cerebros iguaes, cada um na esphera do seu alcance, abrangendo todos para a felicidade humana.

O tio representando o passado; o sobrinho simbolisando o futuro.

Defendendo a sua causa bateram-se.

O forte, o velho, o homem que representava a força caduca d'um povo, caía derrubado pela ideia nova, pelo ideal d'um novo.

Era em 93 do penultimo seculo e hoje o observador, e idealista, o que procura investigar a rasão humana, encontra Lantenac a defender por todos os lados o despotismo selvagem que subjugá, a desigualdade que separa, a ignorancia que sacrifica o povo.

Felizmente parece que em toda a parte se levanta um Gauvin para aniquilar e derubar o gigante envelhecido.

Criam-se escolas e diffunde-se a instrução; pelo jornal, bem orientado, faz-se a propaganda dos direitos do homem; pelo comicio esclarece-se a vida nova que deve levantar os opprimidos.

Acabe-se de vez com o proteccionismo deprimente, cumpra-se a lei com o rigorismo que deve dominar a injustiça, eduquemos os filhos para um futuro melhor e com uma orientação nova fundada no respeito pelos outros, no trabalho glorioso que enobrece, na emancipação da vontade e amor da patria que nos agasalha.

Deixemos de ser a machina homem que gira á vontade dos outros e passemos a ser os conselheiros da nossa alma, pensando e escolhendo o que melhor se coadune com a nossa rasão.

Educando, morigerando os costumes, racionando com nós mesmos, escolhendo o bom e desprezando o mal, caminharemos guiados pelo braço d'um Gauvin para um futuro de bem estar.

Não julgemos mais o homem pela roupa com que se cobre mas pelas qualidades que agasalha; deixemos de nos mostrar pequenos em frente d'outros que se julgam grandes quando na maior parte dos casos nos são incomparavelmente mais pequenos.

Tornemo-nos independentes, que a nossa alma pensando nos guiará, longe da vontade alheia, por um caminho menos escabroso, mais feliz.

A. M.



MOCIDADE EXTINETA

*Findaste, oh! mocidade ardente e descuidosa!
As lindas illusões, os meus sonhos d'amor,
Levou-os a tufada inquieta e poderosa
Do halito do mal na sombra d'uma dor.*

*Cerca-me a solidão, a gelida tristeza,
Que os velhos teem no olhar, tão fundo e magoado,
Como se á campã, em rida, os chame a natureza.*

Habita na minha alma a morte do passado!

*Sinto que a melodia estranha da saudade
De queiras me vestiu o tumulo sombrio,
Aonde as ambições da louca mocidade
Foram fazer em paz, em abandono frio.*

E o que é viver assim?

*E' lembrar a historia
D'um seio a palpitar, d'um beijo toda a graça!
Azas do pensamento a despertar memoria
Do occaso d'um sol, d'um perfume que passa.*

*E' todo o desabar de fulgida alegria,
Alguem que nos morreu, alguem que nos deixou!
Uma canção sem voz, uma noite sem dia,
Um bem que nos sorriu e nunca mais voltou ...*

*E' ter perdido a fé, o alento juvenil,
Quebrar-se da altirez o garbo audacioso.
Sentir do desengano o espinho vivo, hostil,
A matar-nos da esp'rança o derradeiro goso.*

*E' ter—e eis o mal—um coração que pulsa
Sem nunca envelhecer dentro do peito escravo,
A rugir, a chorar, n'uma febre convulsa
Que da razão nos traz o dolorido travo!*

AGRICULTURA

A vinha no Minho

II

Ordinariamente o proprietário quando planta videiras, não tem escrúpulos nenhuns, em plantar n'uma mesma cova, de quatro até dez videiras, como todos os dias verifico; isto é um defeito de plantação a que é preciso attender.

Este systema de plantação imperfeito, a maior parte das vezes mostra bem a sua deficiência.

Se as terras são pobres, o resultado é um desenvolvimento moroso, durante os primeiros quatro ou seis annos, seguindo depois um estacionamento quasi completo.

Em terras de mediana fertilidade, torna-se mais distincta a lucta pela vida, os mais fortes acabam por ir aniquilando a pouco e pouco, os individuos, mais fracos.

Se esta norma de plantação tem como base o revestir a lata mais depressa, é um engano, porque se examinarmos os pés que foram plantados isolados, veremos que a videira se apresenta sã e cobre tanta ou mais extensão, que sete ou oito pés que estivessem na mesma cova.

A plantação não deve ser muito funda, porque esse systema manifesta n'esta região um desenvolvimento moroso e a maior parte das vezes a morte mais ou menos rapida, produzida pelo apodrecimento da parte inferior da raiz.

Regiões ha como o Douro, onde a plantação se chega a fazer a um metro e meio.

Na região de Collares, em que se procura a camada argilosa subjacente, ás vezes a uns poucos de metros, ás areias terciarias.

As covas para a plantação devem ter uma profundidade não inferior a um metro.

Na plantação deverá empregar-se sempre uma pequena quantidade de estrume, para acudir com o alimento á videira, logo no primeiro anno.

Na formação d'uma lata, deve usar-se a plantação de videiras isoladas; o compasso deve regular-se de harmonia com a largura da lata e riqueza da terra.

Depois de frisar os principaes pontos, em que noto umas certas irregularidades, passarei a dar umas indicações sobre o phyloxera.

O phyloxera foi reconhecido pela primeira vez, no concelho de Sabrosa, Traz-os-Montes; d'ahi passou ao Douro, Beiras, Alentejo e, ha pouco tempo, ao Algarve; sendo o Minho uma das provincias mais respeitada.

Certamente que se não trata aqui d'um caso de sympathya; se o insecto alado não produziu ahi os seus estragos, foi por não ter condições de vida favoraveis á sua rapida propagação

Sabido é que o phyloxera invadiu o Mi-

nho e que se encontra até fazendo os seus estragos; mas que encontrou por um lado, uma defeza heroica da parte da videira, que só se deixa vencer onde o phyloxera a encontra fraca e n'um meio secco, mais propicio ao desenvolvimento do insecto.

Posso affirmar-lhes, que o phyloxera se encontra entre nós fazendo grandes estragos e que uma grande parte das videiras que seccam é devido á sua acção.

Os symptomas exteriores da doença, manifestam-se n'um enfraquecimento lento e continuo, até acabar por seccar; este periodo póde ir de cinco até seis annos, para videira attingida quando adulta, um ou dois para videiras-novas.

Se descobrirmos as raizes, veremos que apresentam grandes tumores esphericos; querendo examinar o insecto debaixo da forma larvar, devemos partil-os e pesquisar na camada superficial.

A observação dos factos leva-me a concluir, que no Minho a vinha póde luctar e não temêr a lucta, quando plantada em terras de fertilidade e humidade regulares, desde que seja bem cuidada.

Nas terras seccas e pobres é indispensavel empregar porta-enxertos americanos.

L. MARÇAL

PERFIS MASCULINOS

III

Alto, magro, pouca côr,
Voz profunda, um tanto forte,
(Não o julgueis o terror)
Sympathisa e tem bom porte.

Discutiu acalorado
N'umas certas eleições,
Pois é terrível, damnado,
Mas justo nas discussões.

N'uma esquina bem central,
Edificio novo, esguio,
Seducitor, bello metal,
Vende a peso e por feitio.

Por toques (não de corneta)
Fez exame e com debates
Pois teve rivaes com treta
De varios e bons quilates.

Compadre por amizade,
Ha poucos mezes se fez;
Por *salsifrés* a vontade
E' não faltar uma vez!

Previdente, cauteloso,
Bom rapaz e destemido,
Sem vicio, não é vaidoso,
A calhar para marido!

DOIS AMIGOS.



Barcellos pittoresco—Um trecho do Rio Neiva

O RIO NEIVA

A nossa photogravura dá uma das mais formosas paisagens do rio Neiva, junto ao monte de Lousado, proximo da Ponte d'Anhel, n'este concelho.

O artigo que deveria acompanhar esta photogravura, tinha de ser feito pelo nosso illustrado collaborador e distincto archeologo sr. dr. Antonio Ferraz; mas, motivos imperiosos e que nós sinceramente lastimamos, impediram-no, com bastante desgosto nosso, de satisfazer o desejo que lhe haviamos manifestado, razão porque gentilmente consentiu que do seu rico archivo historico nós extrahissemos as notas que se seguem e que nós mal soubeimos compilar.

O rio Neiva, que foi chamado pelos romanos o *Nebis*, nasce na falda da serra do Oural, uma legua ao norte do Pico de Regalados, corre em direcção geral O. S. O. e vae desaguar no Oceano, oito kilometros ao sul da foz do Lima, na freguezia do Castello do Neiva.

Tem ponte de cantaria na estrada real de Barcellos a Vianna, na freguezia de Santa Marinha de Forjães, d'este concelho.

A largura do rio, na sua foz, é proporcionada á quantidade das aguas e muito livre a desembaraçada, sem rochedos nem pedras que a possam obstruir.

A corrente é branda pelo pequeno declive do terreno e tambem porque sendo um rio de nove leguas de curso, não recebe afluente algum que se possa mencionar.

D'este rio fazem menção Pomponio Mella e Ptelometu.

O nosso antiquado Rezende, no livro II

«*De Antiquitatibus Lusitaniae*», quer que este rio Neiva desse o nome a uma cidade e ponte, que o imperador Antonino situa no caminho que descreve de Braga a Astorga pela costa do mar. O mesmo dá a entender Jeronymo Zurita nas *Notas do Itinerario de Antonino*, no segundo caminho de Braga a Astorga.

Porém, ambos estes illustres escriptores e antiquarios se enganaram, porque Antonino ali não diz:

Ad pontem Naebis, mas sim Ad pontem Nevic.

E sobre tudo Antonino ali situa esta ponte ou povoação aedeante de Lugo, 32:000 passos a caminho d'Astorga, que vem a ser em um sitio muito desviado do rio Neiva.

Nem é facil entendermos que o itinerario n'esta parte esteja viciado e transpostos os logares, porque no caminho que descreve, de Braga para Astorga, por Ponte do Lima e Tuy, repete o mesmo.

Assim nol-o diz D. Jeronymo, contador d'Argote, nas suas *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga*.

Jornaes

A todos os distinctos collegas que se dignaram fazer referencias á nossa *Revista*, aqui deixamos o nosso eterno agradecimento.

—Temos recebido e agradecemos:

Photo-Revista, do Porto; *O Povo*, de Vianna do Castello; *A Propaganda*, da Povoia de Varzim; *O Espozendense*, d'Espozende; *O Famalicense*, de Famalição; *O Correio do Ave*, de Villa do Conde; *O Commercio de Barcellos e Folha-Liberal*, de Barcellos.

DE RELANCE

ESTOU um pouco embaraçado para escrever esta chronica, porque a quinzena não deu um assumpto palpitante, de interesse. Mas... tenho ouvido dizer que o jornalista, quando não tem assumpto, inventa-o! Porém, eu não sou jornalista, nem penso em o ser; e penso que isto de *inventar* não é das melhores cousas. Ora não tem presenteado que as invenções... de palavrado, já se vê, produzem mau effeito? Não veem, ás vezes, dois jornalistas, em polemica travada, inventar e dizer cousas que, longe de traduzir factos, não são tambem argumentos? E não tem reparado que quando isto acontece um dos controversistas chama *trapalhão* ao outro? Não tem visto ou lido que no parlamento os representantes da nação, quando não atacam ou defendem o governo com argumentos seguros o fazem com divagações?... F' certo que as divagações, misturadas com um ou outro argumento, produzem os seus effeitos... em S. Bento!...

E tambem não tem presenteado dois polemistas, na rua, atacarem-se mutuamente? Um, accusa ou defende-se com argumentos; o outro defende-se ou accusa com evasivas: e, muitas vezes, o que falla mais alto é que vence! Toda a gente, n'este mundo, se serve do que se póde servir.

Ainda ha poucos dias me disseram que um individuo, na praça de touros, ao saltar a trincheira, cahiu e feriu o rosto. Pois quem saber o que me disseram que elle disse? Que cahiu porque a calça pegou-se n'um prego! Seria isto um argumento para desculpar o desastre! Podia ser... Mas deixemos-nos de cousas: inventar é mau. Eu vou divagar:—

A noite está fria. No céu não ha estrelas. O vento corta as faces e a chuva trespassa as vestes ao transeunte.

E' horrivel! Ao longe, divisam-se umas lanternas semi- apagadas. São os lampiões da iluminação publica.

O amigo David parece que recommendou ao Thiago, o homem da carapuça, que lhes desse pouca luz para não gastarem muito petroleo. E' questão de economia... para o David.

Ah! mas eu minto!?! Eu ia sendo incoherente, porque disse que inventar não é bom e... inventava

A noite d'hoje não é fria, no céu ha estrelas, o vento é pouco, não ha chuva, nem os lampiões da iluminação publica estão accesos, porque vae um bocadinho de luar.

E o David, quando haja um bocadinho de luar, manda apagar os lampiões para... economisar...



Interesses locais

Caminhos de ferro

Do director da «Propaganda», da Povoada de Varzim é nosso illustre collaborador snr. Candido Landolt, recebemos uma carta-circular na qual se expõe a utilidade e necessidade do assentamento de uma via ferrea, a qual, partindo de Vairão, atravessasse Villa do Conde, Povoada, Apulia, Fão e Espozende, tendo o seu ponto *terminus* em Barcellos. O illustre publicista snr. Emygdio d'Oliveira, do Porto, compromette-se a conseguir o capital necessario para a realisação d'esta sua tão louvavel como interessantissima ideia —louvavel porque o assentamento da via ferrea enriquece e facilita as communições commerciaes e agricolas dos quatro importantissimos concelhos do norte e intessantissima porque põe em communicação directa os povos a quem esta terra já está ligada, por interesses e por relações commerciaes e agricolas.

Acabar com o infadonho e demoradissimo meio de communicação actual e que se torna perigoso pelo mau estado das estradas de macdam, é uma necessidade.

Para a realisação do projecto do sr. Oliveira, necessario é que os povos dos quatro concelhos fallem e digam de sua justiça, especialmente as pessoas de representação local, porque a via ferrea melhoraria grandemente as nossas relações com todos aquelles concelhos que, como o nosso, são ricos em productos agricolas, e estes mais facilmente poderiam ser expostos na nossa feira semanal, que é a mais concorrida e mais importante do paiz.

A nossa terra lucraria muitissimo com tão grande melhoramento, razão porque incitamos as corporações locais a trabalhar pela sua realisação e declaramos ao snr. Landolt a nossa mais franca adhesão e apoio á ideia do snr. E. d'Oliveira, que muito desejamos ver posta em pratica e ter o auxilio de todos os patriotas.

Livro d'Ouro

Com este titulo, deve por estes dias apparecer á venda um luxuoso livro do sr. Carlos Pereira Cardoso, profusamente illustrado e impresso em papel *couché* especial, mostrando, pela photogravura e por trechos litterarios illucidativos, o que foi a primeira viagem de S. M. El-Rei ao norte do Paiz.

Erratas

Na *Chronica ligeira*, onde se lê meoricidio, leia-se *uxoricidio*; e no *Sport*, onde se lê corte, leia-se *court*.

Algumas erratas mais ha, que a intelligencia do leitor facilmente corrigirá.